EXEMPLO

Mãe de santo e doutora aos 81 anos

Mais velha estudante a obter o título de doutora na UFPR, Dalzira Aparecida cursou o extinto Mobral e o EJA e enfrentou muitos desafios e preconceito durante toda a sua trajetória acadêmcia. Hoje, é disputada em todo o país para proferir palestras



Arquivo pessoal

» JÁDER REZENDE

Aos 81 anos, a mineira Dalzira Maria Aparecida é a mais velha estudante a conquistar o título de doutora pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Conhecida no candomblé como Yalorixá Iyagunã Dalzira, a mãe de santo defendeu sua tese com o tema *Professoras negras: gênero, raça, religiões de matriz africana e neopentecostais na educação públic*a.

Nascida em uma família pobre de agricultores em Guaxupé, Sul de Minas, e sem ter tido acesso à escola, ainda criança Dalzira se mudou com a família para São Paulo e, aos 7 anos, para Santa Maria do Oeste, no Paraná, onde, em meados dos anos 1970, cursou o extinto Mobral — Movimento Brasileiro de Alfabetização. "Não ensinava nada praticamente, a gente acreditava que aprendia", lembra.

No final dos anos 1980, ingressou no programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada, depois de adotar e criar, como mãe solo, 7 filhos, seis formados em curso superior. Por acreditar que os professores não estavam preparados para lidar com crianças pretas, pobres e marginalizadas, decidiu alfabetizá-los por conta própria.

"Passei muitos anos sem estudar por não ter condição nenhuma. Foi minha filha, Rosilda, que coloquei na escola aos 6 nos, que me estimulou a prosseguir. Fez minha inscrição no vestibular, me levava e buscava nas provas", conta, recordando seu ingresso na Unibrasil, em 2003, quando foi aprovada e, graduada, cinco anos depois, no curso de relações internacionais.

Em 2011, veio a decisão de retomar os estudos e Dalzira partiu para uma nova etapa em sua vida acadêmica, ingressando no mestrado de tecnologia e Trabalho, na UFPR, por insistência de uma amiga. "Nem sabia que havia essa possibilidade. Estava muito cansada. Tudo foi muito difícil até então", diz.

Para manter a família e custear os estudos, ainda nos anos 1960, Dalzira recorreu a um curso por correspondência de corte e costura no Instituto Universal Brasileiro. "Aprendi a fazer de roupas de bebês a vestidos de noiva. Usei muito papel manilha para fazer os moldes", recorda, pontuando que o mais importante nesse processo foi dominar melhor a língua portuguesa, sempre estudando à luz de lamparina.